

"Experiência em um Cartel do passe"

Ana Canedo (Barcelona, Espanha)

A experiência em um Cartel do passe serviu como ocasião para refletir sobre a especificidade do tempo lógico assinalado por Lacan, em especial sobre a particularidade do juízo íntimo de cada participante que se desprende assim do trabalho coletivo.

Após o instante de ver, o tempo para compreender teve lugar no debate posterior a escuta do testemunho - de um sujeito feminino - apresentado pelos passadores. Aparecia de um modo vivo e rico na discussão a espera antecipada que atravessa o material da demonstração da lógica do final de análise realizada pelo passante. Poderíamos dizer brevemente que o cartel adquire relevância realizando "sua" própria demonstração; a conclusão é o produto do trabalho coletivo, apoiando-se em vários pontos, alguns dos quais posso recordar aqui de forma sucinta:

- A entrada em análise a partir de uma intervenção do analista.
- A identificação a um traço - que o sujeito interpreta - do pai; os efeitos do peso da alienação na contingência dos acontecimentos.
 - O atravessamento do fantasma em seqüências detalhadas onde aparece a leitura estereotipada de um mandato materno sob a forma de um "serás assim..." para assegurar que se é a causa do desejo do Outro. Elaboração precisa em uma frase inaugural que assinala algo assim como um destino ignorado pelo sujeito. As conseqüências de mal estar, fracasso, gozo na vida do sujeito.
- A queda do objeto olhar libera disposições libidinais encapsuladas no sintoma, abrindo-se a possibilidade de novos papeis, a partir de um posicionamento inédito.
- O passe clínico no interior do dispositivo analítico; a virada na elaboração do saber se articula em sua dimensão ética; os efeitos terapêuticos, o sujeito se responsabiliza por seu gozo.
- O final de análise conotado pelo desprendimento escalonado da libido analisante, em uma série de sonhos onde se vislumbra algo da experiência do vazio no saber; espreitar algo do real, do impossível de dizer, ao mesmo tempo a fronteira de ir mais além na análise. Suas conseqüências na praxis da clínica e a elaboração teórica da psicanálise.

O Cartel em seu conjunto chega a seu momento de concluir em forma coletiva, emite seu juízo decidindo a nomeação de AE.

Por outro lado é interessante observar o ponto de certeza subjetiva do momento de concluir; o ponto de apoio particular segundo a singularidade de cada participante. A experiência do momento de concluir difere do tempo de compreender; se torna necessário para cada um o ponto de certeza que assegura para si mesmo, a detenção do processo de elaboração, que, a partir daí, não tem mais volta.

Dessa maneira, em direção ao final do trabalho conjunto, o recorte de uma recordação da infância se destaca para mim, com efeitos de surpresa que toca algo do objeto na certeza; a afirmação aparecia ao mesmo tempo que sua demonstração.

É a cena de uma construção fantasmática da neurose infantil sobre o enigma da origem das crianças que se une a algumas palavras do pai. Poderíamos dizer que é uma interpretação onde o sujeito feminino se coloca como desejante de um modo inaugural.

Em seguida a verificação dos significantes presentes, de maneira discreta, da novela familiar no testemunho do passante.

Pode-se articular um sonho ao final de análise sobre a mesma cena; nesta seqüência o sujeito já não escuta as palavras do analista e na moldura da janela aparece o vazio na dimensão da noite, matizada pelo céu estrelado. O vazio ali onde a princípio tinha havido uma plenitude de significação.

Assim, a verificação subjetiva se agrega - para cada um - de forma separada, a elaboração obtida com os outros no trabalho de Cartel.

Para finalizar, recordar que "a verdade para todos depende do rigor de cada um" e seu anverso: se bem que nesse caminho para vislumbrar algo do saber sobre a verdade se está sozinho, "ninguém o toca senão pelos outros".